

Cirandando o continente: promoção rizomática de saúde na comunidade

ALEJANDRA ASTRID LEÓN CEDEÑO*

MAIRA SAYURI SAKAI BORTOLETTO**

*Aos Cirandas latino-americanos e, especialmente, a Liduína
Amaro Brasil, coordenadora da Associação Ciranda da Cultura*

Resumo: Considerando a saúde como produção de potência e não como ausência de doença, este trabalho visa aprofundar o rizoma de promoção de saúde que está se gerando de baixo para cima a partir da multiplicação de Cirandas pelas periferias da cidade de Londrina, de Caracas e, em breve, por diversos lugares do Brasil. Com inspiração na Associação Ciranda da Cultura, fundada e autogerida pelos próprios moradores desde 1999, estuda-se a lógica Ciranda como uma proposta de trabalho em rede, de forma diária, gratuita, pelo desejo das pessoas, articulando comunidade e políticas públicas em saúde, assistência social, educação, universidade, cultura e economia solidária. A partir do contato com essa lógica em bairros de periferia com histórico de violência urbana, moradores/as dos mesmos ocupam lugares públicos com oficinas, eventos, arte, reuniões e atividades de manutenção e cuidado dos espaços, concretizando parcerias com as políticas públicas e produzindo trabalho vivo em ato ao colocar-se como protagonistas de ações construídas no território a partir da necessidade e desejo de quem ali mora e transita.

Palavras chave: Ciranda; rizoma; saúde; comunidade.

Circling the continent: rhizomatic promotion of health in the community

Abstract: Considering health as power production and not as an absence of disease, this work aims to deepen the rhizome of health promotion that is being generated from the bottom up, multiplying Cirandas in the peripheral slums of Londrina, Caracas and, soon, by diverse places of Brazil. With inspiration in the Ciranda Cultural Association, founded and self-managed by the residents themselves since 1999, Ciranda's logic is studied as a proposal to work on a daily basis, free of charge, by the desire of the people, articulating community and public policies in health, social assistance, education, university, culture and solidarity economy. Since the contact with this logic in suburban neighborhoods with a history of urban violence, residents occupy public places with workshops, events, art, meetings and activities of maintenance and care of spaces, establishing partnerships with public policies and producing live work in act when putting themselves as protagonists of actions constructed in the territory from the necessity and desire of those who live or transit there.

Key words: Ciranda; rhizome; health; Community.



* ALEJANDRA ASTRID LEÓN CEDEÑO é professora Doutora do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina, com mestrado e doutorado em Psicologia Social pela PUC-SP e com formação em Psicologia pela Universidad Central de Venezuela.

** MAIRA SAYURI SAKAI BORTOLETTO é docente adjunta do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina. É membro da Rede Unida e da ABRASCO. Pós-doutora, doutora e mestre (bolsista da CAPES) em Saúde Coletiva-UEL.



Introdução: tudo ruindo e os Cirandas construindo

Em um cenário de crise mundial, de perda de direitos trabalhistas e de políticas públicas arduamente conquistadas, com a sensação de tudo ruindo, linhas invisíveis de potência cotidiana percorrem a periferia em mutirões e redes que se associam para semear, de baixo para cima, atividades de resistência e criação. O cotidiano aponta para belezas surgidas em meio a formas cotidianas de violência (física, emocional, sexual, patrimonial, negligência, trabalho infantil). Isso

ocorre em cenários com marcas de violência institucional, principalmente pela ação da polícia e do tráfico de drogas ilícitas. Ao ampliar o zoom, essas linhas de saúde têm como contexto a exploração e desigualdade abissal próprias da violência capitalista especulativa, violência esta que é catalogada pela OMS (2002) como um problema de saúde pública. Em contextos de violação de direitos, a saúde teima em se produzir nos mais variados encontros, como miríade de flores no asfalto.

A presente proposta é uma homenagem à Associação Ciranda da Cultura nos seus 20 anos de funcionamento, enquanto produtora de saúde e inspiradora de mais Cirandas que crescem em diversos lugares. O texto foi forjado na compreensão ampliada da saúde como sendo também o cuidado da vida das pessoas. É fruto das marcas das diversas experiências onde estão se dando estes projetos chamados Cirandas, onde as vidas inventivas acontecem e existe o compartilhamento de iniciativas, de experiências e de produção de cuidado e saúde. Essa experimentação se dá de forma ampla e em espaços sociais autogeridos que constituem o terreno de interesse para se marcar cartograficamente. Neles, muitas pessoas tidas ou compreendidas em situação de uma certa precarização de modos de viver são acolhidas e ali reinventam o significado de viver coletivamente.

Convidamos aqui para o debate o movimento social (GOHN, 2008), ou melhor, uma compreensão sobre uma rede de acontecimentos no movimento e sua produção de espaços potentes para a inventividade de modos de viver e produzir saúde. Estamos, neste caso, admitindo que as experiências não se repetem da mesma forma de um lugar a outro, mas elas ganham contornos específicos a cada encontro, dadas as dinâmicas próprias de cada lugar, e sofrem a interferência das pessoas que atuam nos diferentes movimentos e com quais equipamentos sociais interagem.

Dada essa singularidade de cada acontecimento, o relato aqui pretende compartilhar aprendizados de uma vivência conjunta que ganha assim, na diversidade, uma riqueza de detalhes e maior complexidade, trazendo para o conhecimento requisitos específicos de fabricação do cuidado em cada lugar,

oferecendo um conhecimento complexo a ser processado (FEUERWERKER, BERTUSSI, MERHY, 2016; MERHY, BADUY, SEIXAS, 2016).

Aqui emprestamos o que é apresentado por Deleuze e Guattari (2000) sobre o viver rizomático, que pode ser compreendido como uma nova forma de constituir redes existenciais. A ideia de rizoma é emprestada de uma imagem da botânica a de uma gramínea, contrapondo-se ao modo arborescente que em si apresenta uma lógica sequencial das coisas; raízes, caule, folhas e frutos. Nas formas rizomáticas não existe tal sequência, ou seja, a raiz de uma gramínea busca caminhos possíveis para existir; qualquer ponto se conecta a qualquer ponto e, dessa forma, apresenta-se um modelo de conexões totalmente aberto, agenciado a qualquer estímulo. Aqui fazemos esse paralelo como o modo rizomático de viver, ou seja, a partir de qualquer ponto, e com diversos agenciamentos nos encontros, é possível se constituir modos de vida mais potentes. Ao olhar para a potência desses encontros é possível perceber conexões que aumentam ou diminuem a potência de vida entre os atores envolvidos nas ações.

Mas como compreender ou estar atento a esse modo rizomático de viver? O projeto “Cirandando Londrina: efeitos de redes culturais ecológicas de beleza e resistência frente às subcidadanias” (2017-2020), nasceu como pesquisa-ação participante (MONTERO, 2006) e foi tomado por um rizoma potente de acontecimentos cujo cotidiano foi sendo por nós cartografado, dando a este trabalho um caráter híbrido. Vivemos fronteiras metodológicas entre formas mais sistematizadas de pesquisar e formas mais abertas, entre o foco nas ações (no “fazer para transformar” de Montero, 2006) e o desenho de

transformações subjetivas na micropolítica de cada lugar. Pode se dizer, então, que está se, construindo, uma justiça social micropolítica que, em uma rede de milhares de pequenos gestos de resistência e criação, reivindica a transformação social como meta e, nela, também o direito à beleza, à vida como uma obra de arte, (LEÒN CEDEÑO, 2016).

Nesse processo, formam parte fundamental do nosso trabalho o respeito e o compromisso com a comunidade que nos ensinaram as mestras (es) marxistas como Maritza Montero e Sílvia Lane, inspiradas no trabalho de Paulo Freire e Orlando Fals-Borda. Outrossim, temos a marca de nos constituirmos e transformarmos na ação que a comunidade decide empreender com a nossa parceria. Esses elementos, vistos à luz da noção de cotidiano e microlugares do mestre Peter Spink (2008), vivem uma ampliação e difração do olhar: tornam-se cada vez mais rizomáticos, afetivos, multiplicados nas conexões mais impensadas: o coletivo negro com as crianças do abrigo, os artistas de rua nos diferentes bairros, o coletivo de mulheres com a psicóloga da empresa, o assentamento urbano com o movimento trabalhista, a líder cirandeira surfando entre o tráfico de drogas e o assistencialismo.

Aqui convocamos a Rolnik (2006) que nos provoca o pensar sobre o agir cartográfico, em que se estuda a subjetividade de forma implicada, partindo da não neutralidade e da não separação sujeito-objeto, fazendo o caminho ao andar e alimentando-se, de forma antropofágica, de outros métodos. A cartografia da ação no território permite fazer jus à intensa rede quem de baixo para cima, vai se tecendo em diversas periferias que acompanhamos; não por pretendermos o método mais

asséptico e objetivo para registrar fielmente uma realidade externa a nós, mas por assumirmos que a presença de todos os implicados constrói e modifica olhares nos Cirandas. A respeito, a imagem apresentada por Oda (2018) faz a seguinte ilustração:

do pesquisador-cartógrafo ao pesquisador-decalque fazendo respectivamente um paralelo com a seguinte imagem: uma massa de modelar e o carimbo. Há texturas, cheiros e cores diferentes da massa de modelar, podendo se transformar em qualquer coisa a partir do desejo de quem a produz. Esse desejo é potência de criação, e por mais que se tente reproduzir uma mesma obra é impossível fazê-la de maneira artesanal. Algo sempre será diferente, nem que seja a disposição das marcas da impressão digital do brincante na massa. Quando se utiliza o carimbo, o desenho formado será sempre o mesmo, reprodução, repetição, decalque (ODA, 2018, p. 24).

Pensamos a produção cartográfica norteada pelos lugares de expansão da vida e em defesa dela, e com essa concepção não há como ir aos encontros cheia de “carimbos”, ou seja, ir na busca de realidades que se encaixem ao formato pré-estabelecido. Nós, co construtores de Cirandas, enquanto inspirados no viver rizomático da cartografia, vamos nos produzindo conforme os encontros vão acontecendo e criamos em ato nossos próprios desenhos para dar visibilidade aos territórios que vão se formando. O cartógrafo se produz nas afetações dos encontros. Seu corpo é o campo de pesquisa; sua produção se dá no real, não na busca de uma representação de algo (DELEUZE; GUATTARI, 2000). Diferente é o decalque, o carimbo, que produz o campo de pesquisa estereotipado no comprimento do

método peri passo no alcance de uma “certa” verdade externa ao pesquisador. O cartógrafo não está pronto, não há método pronto, não há estruturação do pesquisador-cartógrafo. Ele se produz de modos diferentes em todo tempo e a cada encontro, ele é instituinte, um acontecimento, em movimento, o método é o encontro (CERQUEIRA, MERHY, 2014).

Tendo o encontro como referência, é necessário pensar a singularidade das vidas com as quais vamos nos encontrando nessa trajetória rizomática. Nós, no processo em que nos constituirmos como cartógrafos, vamos precisando de ferramentas como a ofertada por Cruz (2016), em sua “caixa de ferramentas para sentintes”, “a bússola visceral”. Ferramenta essa que dá nome a necessidade de sentir, vibrar enquanto corpo; descentrar nossos corpos, vazá-los por territórios sentintes.

O cartógrafo vai se guiando pelas pistas da produção das vidas e do cuidado. Existe nessa jornada uma ruptura radical, de não buscar interpretar aquilo que se vive nos diferentes lugares e encontros. Tal como aprendemos na epistemologia e método do Ciranda, buscamos alcançar a premissa de cirandar nas diferentes realidades, abertos às mais diferentes experimentações. Deleuze diz que não há nenhuma questão de interpretação:

os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não, que passam ou não passam. Não há nada a compreender, nada a interpretar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 11-12).

Nesse sentido, Deleuze é similar a Spink (2008) quando, ao pensar metodologicamente a conversa no cotidiano, propõe ao pesquisador que conte como aconteceu e que seja gentil. Posicionamo-nos, então, em uma

cartografia do cuidado, do respeito, da promoção de saúde, e não da violência acadêmica que se exerce sem sabê-lo.

Ciranda da Cultura: 20 anos tecendo saúde na comunidade

A Associação Ciranda da Cultura começou em 1999 em um bairro periférico de Londrina, mas antes disso nasceu, enquanto ideia, na favela de Heliópolis, em São Paulo, com dois irmãos acadêmicos que ali moravam e que se propuseram abrir um espaço de vida e convivência, onde a saúde pudesse se produzir de forma alternativa. Os irmãos mudaram-se para Londrina e começaram a realizar atividades itinerantes na periferia, junto com moradores de um bairro e pessoas que vieram de outros lugares atraídos/as por esta proposta. No bairro que sedia o Ciranda, os moradores, cansados de não ter oferta apropriada de cultura, lazer e saúde no seu bairro, foram criando momentos de convivência e atividades esporádicas de brincadeira, arte ou esporte com as crianças. Após, ganharam a parceria da escola para dar uma oficina e, posteriormente, uma moradora cedeu sua casa em 1998 para nela realizar algumas atividades.

Em 1999, uma imobiliária construiu casas para alugar e os membros da equipe que estava se formando solicitaram uma delas em comodato, em troca de uso social e cultural para o bairro. Durante 14 anos isto foi possível: o funcionamento gratuito e a moradia no imóvel, pagando os serviços, mantendo o espaço e compartilhando com mais pessoas.

Era uma época em que havia um movimento social forte quanto às associações de moradores, que eram sete na região. Havia também grupo de mulheres, grupo ecológico, creche comunitária, escolinha comunitária,

horta comunitária alfabetização de adultos, três Pastorais da Criança e um total de 33 organizações comunitárias no território (LIMA et al, 2001). Os movimentos de reivindicação foram brotando com força, como os conselhos de saúde e habitação, as lutas por asfalto e alumbrado público. Os governos Lula da Silva e Dilma Rousseff ainda não tinham acontecido, e a vida política dos bairros tinha uma participação importante, embora a articulação entre os diferentes movimentos não acontecesse com frequência.

Durante os primeiros cinco anos dessa casa, as atividades foram centradas na convivência. Várias pessoas moravam ali. Conviviam diariamente e com alguma periodicidade realizavam atividades relativas à saúde, acolhida de pessoas, passeios, brincadeiras e arte. A coordenação mudou, pois quem coordenava mudou para outro estado, e uma líder comunitária a assumiu desde 2004 até os dias atuais, de forma democrática, respeitosa e coletiva

As atividades continuaram com diversas parcerias de dentro e fora do bairro. Passaram por uma certa diminuição e em 2007 foram crescendo e aumentando vínculos até que de 2012 em diante foi possível ter atividades diárias de forma gratuita, por desejo das pessoas e sem lista de presença.

As atividades dentro do Ciranda foram aumentando e articulando-se (LEÓN CEDEÑO; ORTOLAN; SEI, 2017), mas simultaneamente a vida coletiva do bairro foi reduzindo-se no seu sentido organizativo (borbulhante na década de 1990). O que cresceu foi a quantidade de igrejas neopentecostais, que foram chamando uma grande quantidade de praticantes. Assim, a mudança de cenário político foi se tecendo dia a dia.

No fim de 2015, contudo, uma explosão reivindicativa aconteceu. Perante a tentativa da Prefeitura de Londrina de fechar a escola Fundamental I, as universitárias do bairro lideraram uma mobilização de 150 pessoas, que conseguiram que o prefeito se reunisse com eles naquela escola. Esta não foi fechada e todos os secretários da Prefeitura se reuniram com os respectivos equipamentos do bairro. Negociou-se com o órgão correspondente à moradia que ao Ciranda se cedesse gratuitamente o uso do centro comunitário, parcialmente destruído pelas chuvas, que foi reconstruído em mutirão (CARVALHAES; LEÓN CEDEÑO, 2016). Foi um mutirão potente de três meses de duração, em meio a um panorama destrutivo no cenário político do país, que nos fez cunhar a frase “Vimos tudo ruindo e os Cirandas construindo”.

Desde esse episódio e a inauguração da nova sede do Ciranda em 2016, este se encontra mais vivo do que nunca. A partir daquele ano, todos os grupos em saúde da UBS funcionam no Ciranda (psicóloga, nutricionista, fisioterapeuta, educador físico, tabagismo, caminhada, medir pressão, distribuir remédios), com o agradecimento dos profissionais pela acolhida que o Ciranda lhes deu durante o parte do período em que a UBS local foi interdita.

À noite, no Ciranda, pessoas do bairro oferecem atividades de capoeira e zumba, ambas duas vezes por semana, bem como o Cursinho Comunitário UBUNTU, idealizado no fim de 2015 por universitárias do bairro e em ação desde 2016 até a presente data, seguindo os princípios do Ciranda: funciona todas as noites na escola do bairro de forma gratuita e aos sábados no Ciranda, sem lista de presença. Parcerias com a

universidade local têm mantido a oficina Cirandinha, histórica no Ciranda, e deram lugar às oficinas de dança do ventre (desde 2008), brincadeira (2014), lian gong (2017), teatro do Oprimido (2018) e oficinas ambientalistas, além das inúmeras apresentações e oficinas culturais que esporadicamente aparecem no Ciranda.

Cirandando Londrina: multiplicando Cirandas pelo continente

Buscando responder à pergunta de se a lógica Ciranda pode ser multiplicada, em abril de 2017 começamos um processo rizomático de pesquisa-ação participante, cujo cotidiano foi sendo ocupado pela cartografia qual massa de modelar que foi cirandando nosso agir. O projeto “Cirandando Londrina: efeitos de redes culturais ecológicas de beleza e resistência frente às subcidadanias” foi pensado, a princípio, em cinco fases que têm servido como guias de ação; entretanto, ao melhor estilo Ciranda, têm sido reinventadas de maneiras diversas, acelerando o trabalho em rede que tece parcerias para além da cidade e do país. As fases são: a) desenho da proposta de trabalho conjuntamente com a Associação Ciranda da Cultura; b) formação coletiva quanto a conceitos e práticas pertinentes; c) mapeamento de regiões desprotegidas e articulação com moradores das mesmas; d) acompanhamento das realizações itinerantes e/ou permanentes nos locais interessados; e) entrevistas e devolução sistemática da informação. Como resultados esperados, pretende-se contribuir no mapeamento, apoio e aprimoramento de redes culturais ecológicas em Londrina, com possível articulação com outras do Brasil e da Venezuela.

O processo se tece a cada dia, sem começo nem fim, sem centro nem periferia, interligando os diferentes

coletivos que se organizam de formas afins. Estes anos articulando e cartografando Cirandas em duas cidades, e conhecendo e potencializando outras Cirandas pelo Brasil e a América Latina, mostram que os Cirandas são miríades de pequenos gestos, de lógicas para se produzir saúde juntos, seja nos grupos em saúde, nas atividades culturais ou lúdicas, nos coletivos que resistem juntando-se e criando ações (grupos de mulheres, coletivo negro, feira de reforma agrária). A cessão de uso de um espaço público, ou a possibilidade de um espaço conseguido de outras formas, vai articulando diferentes atividades realizadas praticamente sem dinheiro, por desejo dos que ali estão, sem lista de presença, gratuitamente.

Hoje tem 20 anos do Ciranda original e mais três nascendo ou que já nasceram na mesma cidade. Outros dois despontam na Venezuela, com probabilidade de outros surgirem em breve. Em cada um deles se sente o tecido da rede, da Multidão como união de singularidades, articulando as diferenças em torno de novos mundos possíveis (HARDT; NEGRI, 2001). Em cada um deles a singularidade dos processos das pessoas envolvidas e do lugar, bem como linhas comuns que se tecem: aqui tem grupo de acolhida, lá começa a ter café da manhã para as crianças com apoio de um amigo, acolá tem cozinha e saúde mental. Diz uma líder que todo mundo trabalha com a violência. Um dança, outro pinta, outro canta, outro estuda, outro cozinha, mas sempre limpando e costurando feridas da violência e reconhecendo as flores que sempre teimam em aparecer no asfalto. Se a saúde está sendo vista como rede de cuidado das pessoas, que cuidados são esses? Espaços gratuitos de potência em diferentes territórios, guiados pelo sonhar junto e realizar junto, de forma

horizontal, em que as pessoas sejam protagonistas dos seus sonhos e ações.

Duas linhas duras dessa cartografia aparecem com alguma frequência no contexto de diferentes Cirandas: tráfico de drogas ilícitas e assistencialismo. Ambos são maneiras de colocar a população economicamente mais pobre como inferior, bem seja como violento (no tráfico e a mídia) ou como passivo (no assistencialismo e no conglomerado que tece privatização, poder público politiquero, mídia, todos nós no meio).

Esta cena do cotidiano de um Ciranda ilustra em episódio marcante e reflexivo.

Duas universitárias faziam com as crianças uma gincana do meio ambiente. De repente chegou uma kombi com pessoas que são treinadores físicos de uma academia ou coisa assim. Ignorando a gincana em curso, passaram com a kombi pela rua e a estacionaram na esquina, procedendo a chamar para distribuir ovos de Páscoa (disseram ter 200). Do nada apareceram muitíssimas pessoas e a ação assistencialista aconteceu em meio a alguns gritos, à recusa em continuar entregando ovos e, perante o protesto das mães, a voltar atrás e presentear também algumas crianças que tinham ficado sem ovo. As oficinairas sentiram muita raiva e desrespeito. Depois de diversas tentativas foi possível falar com eles quando já iam embora, para explicar sobre o projeto e o desrespeito sentido. Eles se explicaram também, pediram desculpas e pegaram o telefone da coordenadora. Entramos no Ciranda com as 12 crianças que restaram e, começamos a elaborar o que

aconteceria. O que acharam do que aconteceu? Gostaram de ganhar os ovos. O que tinha de diferente entre a gente e eles?. As crianças apontaram várias coisas. Uma adolescente disse que poderia ter sido diferente se eles chamassem a gente pra fazer a fila e a distribuição, se perguntassem antes e trabalhassem junto. Todas opinavam nesse sentido. Uma criança negra diz: "aqui é o continente negro que ensina a não ter racismo, porque o que tem dentro de um corpo tem igual dentro do outro" e "aqui a gente aprende alguma coisa. Com eles não aprendeu nada: só distribuíram os ovos e foram embora". As crianças foram empáticas com as oficinairas e como tinham se sentido. Ficaram mexidas quando disse que aquilo tinha parecido uma esmola e elas merecem tudo de melhor. Que tudo bem dar um presente, mas que a gente queria fazer as coisas junto. Que faremos agora? As crianças falaram pra fazer a gincana: "vamos esquecer o passado e fazer o futuro!"

As meninas fizeram a gincana com as crianças e foi lindo! Cada um dos dois times fazia uma corrente dando as mãos, pegando lixo de plástico e papel ao redor do Ciranda, de mãos dadas, e colocando-o em um papelão específico para cada time. Após, podiam correr livremente e catar mais lixo. Ambos os times conseguiram uma quantidade equivalente de lixo e as meninas declararam empate. A coordenadora deu a cada um uma caixa de Bis da

nossa arrecadação. Três crianças da frente apareceram pedindo chocolate e eles retrucaram que não dariam, pois eles não quiseram catar lixo e só queriam levar o prêmio. No fim, eles deram dos seus próprios chocolates para as crianças que tinham pedido e para duas meninas novas que olhavam, querendo silenciosamente. Inclusive foram correndo, também, e deram para um senhor vendedor ambulante que apareceu na rua. Lição do dia: a partilha. A questão não é dar um presente, e sim como se dá o presente. Foi marcante para todos.

O jeito Ciranda surge em meio às linhas duras do tráfico e o assistencialismo, que talvez sejam dois lados da mesma moeda, pois ora colocam os moradores em posição servil, ora em posição violenta, mas sempre como menos humano do que quem mora fora dali. Então o cuidado é a construção do merecimento, da possibilidade de tecer de forma singela e plena a vida que se quer, sem alcances massivos nem grandiosos, mas marcantes porque construídos pelas mesmas pessoas, negociando e reconstruindo suas regras. No cotidiano se tecem redes de autogoverno reinventando o instituído (diário de campo 20/04/2019).

A bússola visceral nos indica o viver rizomático. As ações humanas acontecem no máximo da sua potência, preenchendo o que cada pessoa é capaz de exercer naquele momento. Os Cirandas se tecem no meio da guerra, do assistencialismo, da pós verdade e dos

efeitos da violência e da desigualdade abissal em todos nós. E cada vez são mais e podem se multiplicar, porque a potência de cada um não apenas soma mas se multiplica. No contexto dos Cirandas nascidos em 2018 em bairros historicamente violentos, cada vez há mais depoimentos de mães e líderes comunitárias dizendo que as crianças melhoraram em casa e na escola; e mulheres saindo mais fortes das reuniões e oficinas. A ação de todos no Ciranda já começou a dar frutos. Há melhorias na saúde mental e física de muita gente, incluindo docentes e estudantes, em utopia concreta e cotidiana, em meio a contradições e horrores que nos constituem. No máximo da nossa potência em cada ocasião, sabendo que o alcançado é insuficiente, organizamo-nos para construir mais, conjuntamente, de baixo para cima. O trabalho conjunto dos Cirandas está possibilitando atividades educativas, comunicação não violenta e limite.

Considerações finais: saúde como produção de potência

O capitalismo se constrói destruindo o laço social, debilitando e inclusive esfacelando os laços sociais e assim instituindo no desejo lógicas privatizadoras, permeadas pela competitividade e culpabilização (GUARESCHI, 1999). Só que esse processo dá lugar ao aumento exponencial do sofrimento psíquico apontado, também, pela OMS, com milhões de pessoas sofrendo de depressão e ansiedade, dentre outras. A promoção do hiperindividualismo produz sofrimento e demonstra que somos seres sociais, ávidos de sentido da vida, de relações fortes, de redes de apoio. A multiplicação de Cirandas e o desejo de crescimento exponencial de movimentos que teçam de baixo para cima é uma opção viável de produção de

saúde e de fortalecimento para a reivindicação de políticas públicas de qualidade para todos, em meio às tentativas de esfacelamento delas. E como cirandar um lugar, uma política pública, um bairro, a própria vida, um continente? O produto desta cartografia em ação aponta o seguinte:

Comece.

Cirande a si mesmo, Respeite seu jeito e acredite em você. Todos somos um Ciranda em potencial.

Olhe suas dores e trabalhe-as. Olhe as dores do mundo e trabalhe-as no que você consegue.

Estreite seu vínculo com pessoas e coletivos potentes e cirande com eles. Vá com os que somam.

Reconheça o horror, a dor, a desigualdade, a injustiça, mas não fique na queixa, Desconstruir é preciso. Reconstruir é preciso.

Faça com gosto o que for fazer e ocupe cada vez mais lugares de gosto na sua vida, bairro, coletivo, trabalho, política pública

Conecte os diferentes coletivos ou pessoas.

Interligue lógicas, áreas e lugares.

Promova atividades gratuitas, grupais ou coletivas, diárias, com diversidade de organizadorxs.

Nos momentos de crise, recolha-se e reinvente-se neles.

Não largue as ações nos momentos difíceis. Peça ajuda. Descanse.

Sua ação contagia a todos. Faça isto de maneira capilar.

Escrevemos em meio à guerra e em profunda homenagem à Liduína Amaro Brasil, inspiradora deste movimento, e às muitas mulheres e homens e pessoas deste continente que tecem redes de cuidado e vida, de potência, de utopia concreta que, em vez de ser apenas inspiração, no dizer de Oliveira Filho (2019), comanda paulatinamente a realidade.

Referências

CARVALHAES, F.F.; LEÓN CEDEÑO, A.A.: Devir construtoras: experimentando lugares físicos e subjetivos de autogoverno. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 197, pp. 1-15, novembro 2017.

CERQUEIRA, P.; MERHY, E.E.(Orgs.): **Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

CRUZ, K. T. **Agires militantes, produção de territórios e modos de governar: conversações sobre o governo de si e dos outros**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Editora 34, 2000.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FEUERWERKER, L., BERTUSSI, D.C. e MERHY, E.E. **Avaliação Compartilhada do Cuidado. Surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis Editora. 2016. Volume 2.

GOHN, M.G.M. (2008): **Novas teorias dos movimentos sociais**, São Paulo: Edições Loyola, p. 166.

GUARESCHI, P.: Estratégias psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, B. (Org.): **As artimanhas da exclusão - análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HARDT, M.; NEGRI, A.: **Império**. São Paulo: Record, 2001.

LEÓN CEDEÑO, A.A.: **O que é e para que serve a Psicologia Comunitária do Cotidiano.** In: HELOANI, J.R.; RODRIGUES, R.R.J.; SOUZA, R.M.B.: Sociedade em Transformação: estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade. Londrina: Eduel, 2016.

LEÓN CEDEÑO, A.A.; ORTOLAN, M.L.M.; SEI, M.B.: O papel da convivência na atenção em Saúde Mental: uma experiência. **Saúde e Transformação Social**, Vol. 8 (1), pp. 129-137, 2017.

LIMA, J.C.F.; LEÓN CEDEÑO, A.A.; BRASIL, L.A. et al: As organizações comunitárias do nosso pedaço. Londrina: mimeo, 2001.

MERHY, E. E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T. e ALLS. **Avaliação Compartilhada do Cuidado. Surpreendendo os instituídos nas redes.** Rio de Janeiro: Hexis Editora. 2016. Volume 1.

MONTERO, M. **Hacer para transformar: el método en la Psicología Comunitaria.** Buenos

Aires: Paidós, 2006.

ODA, Silas. **Movimentos cartográficos na atenção domiciliar: visibilidades dos agires cuidadores.** 2018. 97 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

OLIVEIRA FILHO, D. **Sobre estudos e vivências da lógica Ciranda: esperança e utopia concreta na convivência.** Aguardando publicação, 2019.

Organização Mundial da Saúde: **Informe mundial sobre la violencia y salud.** Ginebra: OMS, 2002.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

Recebido em 2019-07-08

Publicado em 2019-09-11